



05 de maio de 2009

SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL

Abril de 2009

1- Qual o contexto social que o levou a participar do movimento estudantil e a tornar-se um líder de destaque entre os estudantes gaúchos?

Entrei na Universidade em 1979. Havia uma ditadura militar no Brasil, censura à imprensa, prisões arbitrárias, tortura contra presos políticos e muito medo disseminado. Nas universidades havia muitos assuntos "proibidos", em cada aula havia um dedo-duro infiltrado pelos órgãos de repressão e não tínhamos a chance de eleger diretamente nossos representantes estudantis. Vamos combinar que motivos para lutar não faltavam, né? Eu já era um militante organizado antes de entrar na Universidade, porque meu processo de conscientização política iniciou muito cedo; isto fez com que, muito rapidamente, estivesse à frente do processo de reconstrução da UNE e da UEE/RS e me envolvesse muito com as mobilizações.

2- Qual a principal diferença do jovem da década de 1970 para o jovem de hoje e as consequências dessa mudança atitudinal no movimento estudantil atual?

Acho que as contradições políticas na época forçavam a uma tomada de posição. Ou se estava com o governo ou contra ele; não havia muita opção. Claro que havia um monte de gente alienada de tudo e que nunca desejou se envolver com qualquer movimento - assim como hoje. A diferença é que, na época, havia pouquíssima informação disponível, enquanto hoje há muita informação. O desinteresse dos jovens por qualquer tema relevante - de importância pública - nos dias de hoje me parece, então, menos desculpável.

3- O senhor ingressou na Anistia Internacional porque se sentia inseguro ao participar ativamente das lutas estudantis em uma época de represálias intensas por parte do governo?

Não. Isso nunca me ocorreu. Ingressei na Anistia porque me pareceu que era possível fazer alguma coisa por pessoas que estavam presas por conta de suas opiniões, os chamados "presos de consciência". Escrevi muita carta - carta mesmo, porque não existiam computadores - como militante anônimo, em defesa de gente que nunca vi e que estava presa em lugares que teria dificuldade de localizar no mapa.

4- O fato de não haver repressão do governo, como antes, atrofia o movimento estudantil, deixando os líderes adormecidos e menos atentos às lutas sociais e coletivas? Ou o movimento estudantil é ainda forte na luta dos direitos dos acadêmicos?

Se formos comparar o Movimento Estudantil do final dos anos 70 e início dos anos 80 com o que temos hoje, chegaríamos à conclusão que o ME acabou, tamanho o contraste. Ocorre que, naquela época, não havia outros movimentos sociais ativos no Brasil. O início dos anos 80 é marcado pela reorganização do movimento sindical e pelo retomada das mobilizações no campo. Os novos sujeitos políticos - como o feminismo, o movimento ecológico ou o movimento pelos direitos civis dos homossexuais - ainda não haviam emergido. Os estudantes, então, exatamente pela condição social de estarem em larga medida "liberados" dos constrangimentos mais imediatos da luta pela sobrevivência, e pela herança de mobilizações que marcaram os anos 60 em todo o mundo, assumiram a frente. Na época, algumas correntes do ME usavam a expressão "vanguarda de substituição" para se referir a este fenômeno. O que acontece atualmente, me parece algo bem mais complexo. O ME sofre, primeiramente, com o fato de vivermos em uma época desprovida de utopias e onde as ideologias políticas se revelaram armadilhas. O "espírito da época", para usar uma expressão hegeliana, parece ser o "salve-se quem puder", o que abre um imenso espaço para o cinismo, a demagogia e a corrupção. Numa época de riscos políticos e repressão aguda, os oportunistas não procuram os movimentos sociais, nem os agrupamentos de esquerda; já num período de estabilidade democrática, os movimentos sociais e os partidos de esquerda também passam a ser encarados como oportunidades de sobrevivência, mobilidade social e mesmo de enriquecimento ilícito. Coisas de uma época triste, em síntese.

5- Qual foi a importância do movimento estudantil na sua formação pessoal e política?

Foi enorme. No ME aprendi a lutar e a me surpreender com a criatividade e a energia de um movimento social quando ele é autenticamente um movimento de massas. Pelas condições difíceis da época, nos obrigamos a nos forjar como uma geração de militantes acostumada à disciplina, pronta para os desafios todos e dedicada ao debate e ao estudo dos grandes temas na filosofia, na política, na cultura. Tudo isso me deu "musculatura" e me definiu como alguém que está no mundo não para ocupar espaço, mas para fazer alguma coisa que preste.